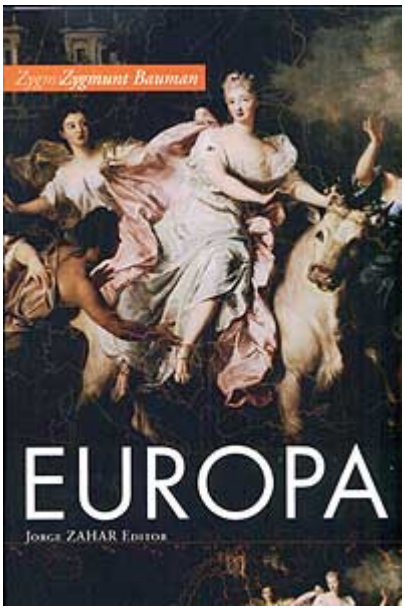
RESENHA

UMA ESPERANÇA CHAMADA "EUROPA"

GERZSON, Vera Regina Serezer
Doutoranda em Educação/ PPGEdu/UFRGS;
Profa. Ms. DECOM/ FABICO/UFRGS
vgerzson@uol.com.br



BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada** . Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. 151p.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, reconhecido pela atividade intelectual profícua - autor de **Comunidade; Em busca da política; Globalização: as conseqüências humanas ; O mal-estar da pós-modernidade; Modernidade e ambivalência; Modernidade e holocausto; Modernidade líquida; Amor líquido; Vidas desperdiçadas e Identidade** - oferece mais uma produção instigante, contemporânea e repleta de reflexões sobre a convivência humana.

Europa: uma aventura inacabada trata da vida globalizada, onde o Estado-nacional moderno já não é capaz de organizar a vida em comunidade, deixando os cidadãos à deriva. Bauman se volta para a Europa em busca de alguma esperança para a situação mundial e, partindo da experiência de séculos de guerras, entende a missão do velho continente como uma história de superação e referência para a vida além do Estado-nacional.

O livro inicia-se tratando de **Uma aventura chamada "Europa" ,** onde Bauman lembra que, em diversos contos, a Europa é mencionada como um local de aventura que deixou orgulho e vergonha, realização e culpa. Para além das verdades e essências presumidas nessas histórias, Bauman espera que a Europa desafie tudo o que fez dela o que ela é e possa ser inventariada, assim como o "caráter europeu" ou os europeus. Se durante séculos a Europa foi exportadora de seus excedentes de história, hoje ela

enfrenta a desafiadora tarefa de consumir localmente o excedente da história planetária. Descobrir terras, desnudar tesouros fez da Europa a rainha do planeta durante séculos, e assim era possível oferecer um modo de vida digno, superior, aparelhado, seguro e rico. Sua presença em praticamente todos os cantos do planeta resultou em um processo de hibridização e multiculturalismo que agora a obriga a considerar muitas populações como componentes necessários da sua identidade. Atualmente o declínio da superioridade produtiva vem acompanhado da perda de importância das idéias européias. A crise de identidade que assola a Europa faz com que as elites européias deixem de ser exemplo a ser seguido. A nova ordem mundial, presidida pela eficiência, flexibilidade e pelo *marketing* , promove também a insegurança e a perda dos meios de subsistência. Europeus e descendentes sintonizam-se com uma democracia aprisionada, onde a dignidade humana rende-se às regras dos mercados e à produção de pessoas deslocadas. Bauman lembra que o que está em jogo é a própria sobrevivência da espécie humana.

Em **À sombra do império**, Bauman diz que a Europa nunca tinha enfrentado a ameaça de ser conquistada por outro continente ou obrigada a obedecer a um império. A súbita elevação dos Estados Unidos à posição de superpotência pegou de surpresa o crepúsculo da hegemonia européia. O novo capitalismo global conquista o planeta e nenhuma alternativa parece detê-lo. Bauman questiona: A Europa poderia preencher esse vácuo? Poderia ser ela a alternativa?

Durante os 30 anos do pós-guerra, o "bem-estar social" predominou nos partidos socialdemocratas e era visto como solução para todos. Com o tempo, os Estados sociais europeus se defrontaram com a impossibilidade de oferecer soluções para os problemas produzidos globalmente e que estão além do controle local. A globalização do capital e do comércio removeu restrições e obrigações do capital no plano local e a extraterritorialidade das forças econômicas diluiu as responsabilidades com os direitos dos cidadãos. Progressivamente as promessas do Estado de bem-estar social enfraqueceram, e o medo que se abateu sobre americanos e europeus durante a "Grande Depressão" voltou a "assombrar as noites e enveredar os dias" (p. 83). O medo e o significado da idéia de segurança se alteraram e novas ferramentas são necessárias para dar conta dos riscos invisíveis. Todos estão sempre vulneráveis e inseguros na sociedade regida pelo mercado, na qual a vida humana é exposta aos caprichos e perigos da competição constante. "O Estado lava as mãos quanto à vulnerabilidade e à incerteza produzidas pela lógica (ou falta de lógica) do livre mercado, agora reapresentadas como um problema privado, que os indivíduos devem tratar e enfrentar por conta própria e com recursos particulares" (p. 88).

Quando discorre sobre a passagem **Do Estado social para o Estado de segurança**, Bauman ressalta que a indústria da segurança pode se tornar a principal beneficiária do desmantelamento do Estado social. O Estado tendo abandonado a promessa de proteger os indivíduos, encolhe suas decisões soberanas e já não pode beneficiar-se daquilo que até então justificava sua existência e parte em busca de uma legitimação alternativa. O Estado lança a demanda da segurança pessoal, alimentada pela fragilidade dos vínculos humanos, pelo nervosismo, pelo medo, pela sedução sempre fugaz e pelo estímulo frenético ao consumo. O Estado de segurança surge como alternativa diante de temas ameaçadores como imigração, segurança interna, terrorismo e oferecem um campo fértil para sua legitimação.

Pensando em um **Rumo a um mundo hospitaleiro à Europa**, o autor menciona esperanças na federação européia, que teria a tarefa de repetir a realização do Estado-nação moderno, conectando poder e política. Para Bauman, a contemporaneidade é marcada pela lógica do entrincheiramento local e pela lógica da responsabilidade/aspiração global. Se a Europa priorizar a responsabilidade/aspiração global, poderá encontrar soluções para os problemas que assolam a humanidade. Empregando sua experiência e valores políticos/éticos, de autogoverno democrático, a Europa estará contribuindo para uma comunidade humana universal e inclusiva.

Europa: uma aventura inacabada ilumina o cenário sombrio da globalização acenando com alguma esperança para o planeta. Sua leitura abriga, sem dúvida alguma, um debate necessário para todos os interessados na reflexão e entendimento das ambivalências promovidas pelo processo de globalização e suas conseqüências humanas.